

Série de Joel Zito  
revela o cinema  
africano de hoje

PÁGINA 3



Mostra Varilux, a  
grande vitrine da  
França nas telas

PÁGINAS 4 E 5



Morre Quincy  
Jones, um gênio da  
música, aos 91 anos

PÁGINA 6



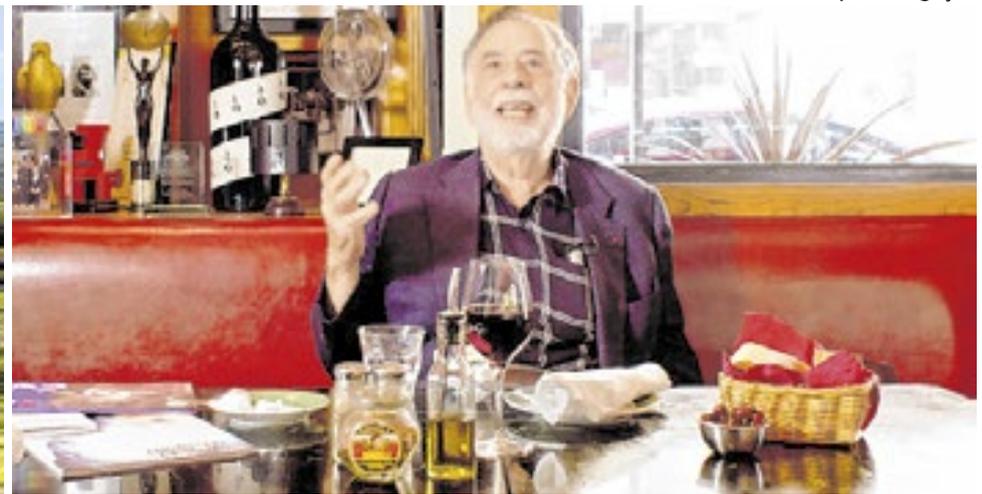
## 2º CADERNO

Alexander Rubin Photography/Divulgação

Zoetrope/Divulgação



Exterior da Inglenook Winery, a única vinícola mantida pelo diretor, e que fica na região produtora mais prestigiada da Califórnia



Coppola bancou a produção do controverso 'Megalópolis' do próprio bolso com o lucro obtido da venda de parte de suas famosas vinícolas

Por **Rodrigo Salem** (Folhapress)

“**A**o saltarmos no desconhecido, provamos que somos livres” é uma das frases mais marcantes de “Megalópolis”, primeiro filme de Francis Ford Coppola em 13 anos. Ela também reflete a ambição do seu diretor, que perseguiu o projeto por décadas e, com o desinteresse dos grandes estúdios, tomou a decisão de investir mais de US\$ 100 milhões do próprio bolso, colocando em risco o futuro de uma das suas grandes paixões (e rendimentos): seu império de vinhos. Para bancar a superprodução com Adam Driver que estreou no Brasil na última quinta-feira (31), ele buscou recursos na vinícola que leva seu nome.

Localizada na linda região de Geyserville, à beira do vale de Alexander, uma das sub-regiões de vinhos mais famosas do condado de Sonoma, no norte da Califórnia, a Francis Ford Coppola Winery foi comprada pelo cineasta em 2005 e renovada três anos depois em um investimento que muitos consideraram uma insanidade.

“Durante a crise financeira de 2008, peguei US\$ 20 milhões emprestados para construir uma vinícola com piscinas e jogos como os Jardins de Tivoli, na Dinamarca, onde as crianças pudessem fazer algo enquanto seus pais passavam o dia tomando vinho”, disse

# A aposta mais alta do Chefão Coppola

Como o diretor arriscou seu império de vinhos para financiar ‘Megalópolis’

Divulgação



Apesar da arrojada ginástica financeira do cineasta, ‘Megalópolis’ vem obtendo resultados pífios de bilheteria

Coppola no último Festival de Cannes, onde “Megalópolis” teve sua estreia mundial. “Esse risco econômico deu origem a uma vinícola que todo mundo hoje em dia tenta imitar”, gaba-se.

A ousadia se pagou. O lugar se transformou em um ponto turístico com a renovação comandada por Dean Tavoularis, diretor de arte de “O Poderoso Chefão”: um parque de diversões com piscinas, restaurantes, degustações de vinho e várias relíquias dos filmes do seu dono, como estatuetas do Oscar, a armadura usada por Gary Oldman em “Drácula” (1992), o veículo de “Tucker - Um Homem e Seu Sonho” (1988) e até a famosa mesa de Vito Corleone.

Com garrafas a preços acessíveis e levando nomes como Sofia, um espumante em homenagem à diretora e filha de Coppola, a vinícola virou referência comercial.

Em 2021, ele vendeu a Francis Ford Coppola Winery junto da menos conhecida Virginia Dare Winery e o vinhedo Archimedes ao grupo Delicato Family Wines por cerca de US\$ 650 milhões em dinheiro e ações - o cineasta ainda ganhou um lugar no conselho da empresa, agora uma das maiores produtoras e exportadoras de vinhos dos EUA.

“Ao longo da minha vida, Coppola se tornou um nome conhecido em toda a América”, exaltou o diretor-vinicultor, em uma declaração oficial. “O que começou como um sonho de comprar uma casa de campo se transformou em um negócio com a produção de mais de um milhão de vinhos emblemáticos e premiados.”

Continua na página seguinte

# ‘Não tenho problema com riscos financeiros. Além disso, meus filhos têm carreiras maravilhosas sem fortunas’

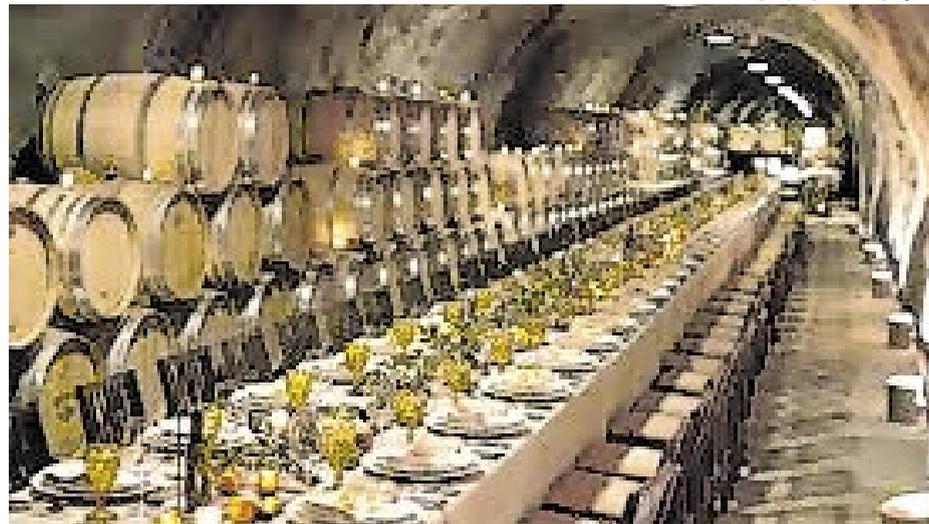
**A**venda foi inesperada, mas logo explicada quando Coppola obteve uma linha de crédito inicial de US\$ 200 milhões com o objetivo de finalmente realizar o sonho de filmar “Megalópolis”, um projeto que começou a rascunhar em 1977. “Fui ao banco e disse ‘quanto posso pegar emprestado?’”, resumiu o diretor ao *The Wall Street Journal*. Em troca, ele ofereceu parte das suas ações na empresa como garantia.

Mesmo com o risco de perder parte do seu império de vinhos, Coppola não economizou nos gastos da produção. Separou US\$ 4 milhões para comprar um albergue de luxo para abrigar sua equipe e elenco durante as filmagens no estado da Geórgia.

Após o término dos trabalhos no longa, o lugar virou um hotel onde os hóspedes têm acesso a salas de edição, dois cinemas e uma área isolada para atrair outros cineastas em busca de sossego na finalização dos seus projetos. Por causa disso, ele ganhou incentivos fiscais, mas o orçamento final do longa teria ultrapassado os US\$ 120 milhões com os custos de distribuição e divulgação.

Como “Megalópolis” só rendeu US\$ 12 milhões após um mês em cartaz nos EUA e outros países, o prejuízo é certo. Resta saber, apenas, o tamanho dos danos. Coppola, porém, não está preocupado. “Não tenho problema com riscos financeiros. Além disso, meus filhos têm carreiras maravilhosas sem fortunas. Eles não precisam disso”, afirmou Coppola. “Dinheiro não importa.”

O desprendimento material



Alexander Rubin Photography/Divulgação



Alexander Rubin Photography/Divulgação

**A suntuosa sala de degustação da Inglenook Winery, de Francis Ford Coppola, fica junto a cave subterrânea onde os vinhos repousam em barris de carvalho**

**A ideia de Coppola é se dedicar aos vinhos de prestígio, já que uma garrafa da safra mais recente do histórico Rubicon, o carro-chefe da Inglenook, custa cerca de US\$ 260**

não chega a ser uma surpresa. Em 1981, Coppola estava no topo do mundo após entregar quatro sucessos de crítica e público em sequência: “O Poderoso Chefão” (1972), “A Conversação” (1974), “O Poderoso Chefão 2” (1974) e “Apocalypse Now” (1979).

No longa seguinte, ele recusou a oferta milionária da MGM para dirigir “O Fundo do Coração” e comprou os direitos para filmá-lo de forma independente com sua produtora, a Zoetrope Studios. O fracasso da obra nas bilheterias fez

Coppola mergulhar em dívidas, pedir falência três vezes ao longo da década seguinte e aceitar dirigir projetos apenas pelo salário, inclusive a malfadada terceira parte do épico da família Corleone.

Além disso, a Francis Ford Coppola Winery é apenas uma parcela dos investimentos do cineasta na viticultura. Sua joia da coroa, a vinícola Inglenook, não estava no acórdão de venda e continua nas mãos da família Coppola. Situada em Rutherford, no coração do Vale do Napa, a região vinícola mais presti-

giada (e cara) dos Estados Unidos, ela foi comprada em 1975 pelo diretor e sua mulher, Eleanor Coppola, que morreu em maio passado, após o cineasta receber seus lucros pelo sucesso dos dois primeiros “O Poderoso Chefão”.

A Inglenook foi fundada em 1879 por um comerciante finlandês e adquiriu fama na ascensão dos vinhos de Napa na primeira metade do século 20. Nas décadas seguintes, foi vendida para um grupo que mirou mais na quantidade e menos a qualidade. Entrou em

decadência.

Foi quando Coppola comprou a linda propriedade de 1.700 hectares, com sua mansão imponente, vinhedos históricos e espelhos d’água para produzir vinhos sob o nome de Niebaum-Coppola, pois a marca Inglenook não fez parte do contrato de compra, só adquirida pelo cineasta em 2011 por um preço superior ao que ele pagou pela vinícola inteira, anos atrás.

Não há planos para o cineasta se desfazer do local. Há o valor sentimental e prático, já que Francis Ford Coppola vive a maior parte do tempo na mansão ao pé da montanha Bald que abriga seu arquivo pessoal de filmes e perto da casa erguida para o resto da família.

Na sede da vinícola, há uma exposição permanente de lanternas mágicas, projetores e lembranças dos filmes do cineasta. A ideia de Coppola também é de se dedicar aos vinhos de prestígio, já que uma garrafa da safra mais recente do histórico Rubicon, um blend de cabernet sauvignon, cabernet franc e merlot que é o carro-chefe da Inglenook desde 1978, custa cerca de US\$ 260.

Recentemente, a Inglenook passou por renovações na sua cava que abriga os tanques de fermentação e na sala de degustação, chamada de The Athenaeum, redeseenhada por Dean Tavoularis para simular um clube de jazz da década de 1920. A vinícola é aberta para visitantes das degustações de vinhos, que variam entre US\$ 75 e US\$ 150, mas as reservas precisam ser feitas com antecedência. Talvez um ingresso mais satisfatório que o de “Megalópolis”.

Joel Zito de Araújo rechaça estereótipos e difunde cinema do continente em série documental

Por Naief Haddad (Folhapress)

**D**e repente, sem que ninguém saiba a razão, aparelhos de ar-condicionado começam a despencar do alto dos prédios de Luanda em “Ar Condicionado”, filme da Geração 80, produtora de jovens diretores angolanos que se arriscam em toques de realismo mágico à moda africana.

Em uma cidade do Mali, rebeldes islâmicos ameaçam a vida de uma família em “Timbuktu”, drama de feições mais clássicas do veterano e multipremiado Abderrahmane Sissako, nascido na Mauritânia. Sissako, a Geração 80 e outros africanos à frente de criações cada vez mais originais, embora bem pouco conhecidas no Brasil, estão na primeira temporada da série “Encontros com o Cinema Africano”, que estreou sábado (2), na TV Brasil.

Como diz Joel Zito Araújo, idealizador e principal responsável pela produção, a série é um “projeto de vida”. “Os africanos escravizados que chegaram ao Brasil trouxeram grandes culturas, mas fomos educados para acreditar que só trouxeram a força bruta. Difundir o cinema africano é dar visibilidade a esta rica história civilizatória, que integra o jeito brasileiro de ser”, diz o diretor de longas como “As Filhas do Vento”, lançado há duas décadas.

Embalado pela carreira bem-sucedida do documentário “A Negação do Brasil”, de 2001, ele passou a viajar com frequência



Joel Zito Araújo e o realizador mauritanês Abderrahmane Sissako nos bastidores do primeiro episódio da série documental ‘Encontros com o Cinema Africano’, exibida pela TV Brasil

# Um atalho para a autoralidade africana nas telas

para os países do continente e foi convidado a integrar a Federação Pan-Africana de Cineastas.

Como curador do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, função que exerceu de 2013 a 2018, trouxe ao Rio de Janeiro diretores como Andrew Dosunmu, da Nigéria, um contato que aguçou ainda mais seu interesse pelo tema.

A partir de 2018, Joel Zito começou a viajar para as entrevistas de “Encontros com o Cinema Africano”. Aproveitava as brechas entre um trabalho e outro e não parou desde então.

O primeiro dos cinco episódios tem como fio condutor uma entrevista com Abderrahmane Sissako, um dos mais admirados nomes do cinema africano da

atualidade.

O diretor de “Bamako”, com Danny Glover, lembra pioneiros da produção de filmes no continente, como o senegalês Ousmane Sembène, e comenta os estereótipos associados à vida e à cultura africana. “Construímos uma imagem de continente de guerra e de miséria. A África é muitas outras coisas, mas foi reduzida a isso.”

Além de “Timbuktu”, o mais famoso dos seus filmes, a série exhibe passagens de “A Vida sobre a Terra”, de 1998, e “Heremakono: À Espera da Felicidade”, de 2002.

O segundo episódio aborda a carreira de um casal de cineastas, o etíope radicado nos Estados Unidos Haile Gerima

e a americana Shirikiana Aina. Integrantes do L.A. Rebellion, movimento de diretores negros que durou de 1967 a 1989, eles lançaram filmes de tom contundente, como “Sankofa”, de Gerima, e “Through the Door of No Return”, de Aina.

Os três episódios seguintes encontram a África lusófona. Ao focar Moçambique, a série lembra Maputo como capital do cinema na África entre as décadas de 1970 e 1990, quando Samora Machel liderava o país. “Machel via o cinema como um fator de reconstrução do país. Foi ele quem levou para Moçambique diretores como Ruy Guerra, Godard e Jean Rouch”, diz Joel Zito.

“Não tenho a pretensão de

esgotar o tema em episódios com cerca de 28 minutos cada um. Por isso, chamo de ‘encontros’. É uma ideia de primeiro contato”, diz o diretor.

O cinema angolano aparece no quarto episódio. Joel Zito ressalta inicialmente os filmes de caráter realista de Zezé Gamboa, conhecido pela comédia “O Grande Kilapy”, com Lázaro Ramos.

Retrata em seguida o trabalho da Geração 80, que concilia denúncias políticas e sociais, e intervenções nonsense. “Esse coletivo é uma espécie de Conspiração Filmes de Luanda”, conta o diretor, em referência à produtora carioca, de onde saem filmes de ficção, documentários, trabalhos de publicidade e clipes.

O último episódio é dedicado a Cabo Verde, país de diretores experientes, como Leão Lopes, e jovens em ascensão, como Samira Vera-Cruz.

Joel Zito busca viabilizar uma segunda temporada para falar de países como Nigéria, África do Sul e Senegal. E ainda Burkina Fasso, que sedia o Fespaco, o maior festival de cinema da África. Tão grande que a abertura acontece em um estádio com capacidade para 30 mil pessoas em Ouagadougou, a capital do país.

**FESTIVAL  
VARILUX  
DE CINEMA  
FRANÇÊS  
2024**

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**É** tempo de Varilux! De 7 a 20 de novembro, o festival organizado por Emmanuelle e Christian Boudier, da distribuidora Bonflim, vai transformar o circuito exibidor de dezenas de cidades brasileiras numa espécie de embaixada provisória para o audiovisual da terra de Alain Delon, que serenou em agosto, aos 88 anos.

Não à toa, um réquiem para o astro que foi sinônimo de beleza será realizado por essa maratona cinéfila espalhada por várias telas do Rio. A memória de Delon será festejada com a projeção de “O Sol Por Testemunha” (“Plein Soleil”, 1960). É “O” clássico da edição de número 15 dessa mostra de joias do Velho Mundo que traz outras 19 produções, todas inéditas por aqui.

Ímã de multidões na França, com 9 milhões de ingressos vendidos só por lá, a nova versão de “O Conde de Monte-Cristo”, de Matthieu Delaporte e Alexandre De La Patellière, com Pierre Niney, é a cereja de um bolo recheado também de saudade, com o gostinho da nostalgia que a cinefilia sente diante da ausência do realizador François Truffaut (1932-1984).

No dia 21 de outubro, o cinema (o francês e o de todo mundo) lamentaram os 40 anos da morte do diretor laureado com o Oscar por “A Noite Americana” (1973). Uma forma de aplacar esse lamento foram projeções do documentário “Le Scénario De Ma Vie”, de David Teboul, que vai estar no Varilux.

Exibida em Cannes, em maio, essa produção dirigida por David



A memória do astro Alain Delon (1935-2022) será celebrada com a projeção de “O Sol Por Testemunha”

# A França por **testemunha**



Ímã de multidões na França, com 9 milhões de ingressos vendidos só por lá, a nova versão de “O Conde de Monte-Cristo”, de Matthieu Delaporte e Alexandre De La Patellière, é a cereja de bolo do festival

Teboul se baseia em imagens de arquivo (algumas conhecidas, outras não), em entrevistas pouco conhecidas do artesão autoral por trás de “Os Incompreendidos” (1959), na correspondência dele com o pai (adotivo) e, sobretudo, num relato autobiográfico iniciado alguns meses antes da sua batalha final contra o tumor no cérebro que o matou.

Teboul parte de uma anedota do audiovisual parisiense segun-

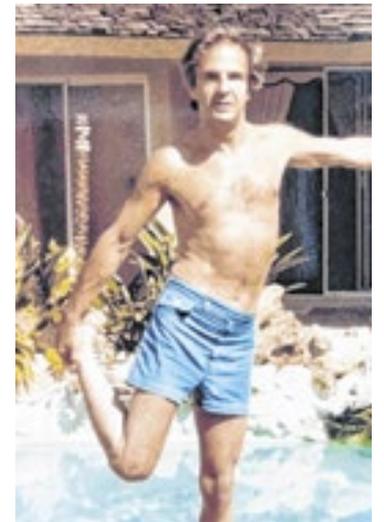
do a qual os filmes de Truffaut se movem como trens, disparando na imaginação como expressos noturnos. Segundo a pesquisa do documentarista, a vida do cultuado diretor seguiu o mesmo ritmo, mas tinha apenas 52 anos quando surgiram as palavras O Fim em seu caminho. Alguns meses antes de morrer, o cineasta tinha começado a partilhar a história da sua juventude com o seu velho amigo,

Claude de Givray, mergulhando profundamente na sua história familiar, a fim de fazer um livro com suas recordações. Seu tempo de tela (e na Terra) acabou por escassear e FT não conseguiu terminar sua autobiografia, a que tinha planeado chamar “O Roteiro da Minha Vida”. O que Teboul faz, a partir de registros epistolares, é revelar o que seria essa derradeira narrativa truffautiana. Sua investigação vai

Divulgação

Tributo póstumo a Alain Delon, réquiem para Truffaut, aulão de crítica e exibição de 19 longas inéditos fazem do 15º Festival Varilux a maior diversão

Divulgação



“Le Scénario De Ma Vie”, de David Teboul, foi exibida em Cannes e se baseia em imagens de arquivo (algumas conhecidas, outras não), em entrevistas pouco conhecidas do realizador François Truffaut, morto há 40 anos

Divulgação



**“Quelques Jours Pas Plus”, com Camille Cottin e Benjamin Biolay, ilustra a virada sociológica que marca o atual discurso da França nas telonas, com toda a sua pluralidade**

Divulgação



**Uma aposta certa de sucesso popular dessa seleção é a comédia dramática ‘A Fanfarra’, de Emmanuel Courcol, premiada pelo júri popular em San Sebastián**

Divulgação



**Diretora e estrela de ‘A Favorita do Rei’, Maïwenn é uma das realizadoras que renovam a força feminina da França nas telas**

arrancar lágrimas do Varilux.

Outro título que promete ser uma sensação por aqui é “A Favorita do Rei” (“Jeanne du Barry”), da realizadora Maïwenn, que abriu o Festival de Cannes de 2023. De volta às telas após a batalha judicial travada contra sua ex, a atriz Amber Heard, Johnny Depp inflamou ânimos, mas renovou seu séquito de fãs, em sua passagem pela Croisette, com essa reconstituição de

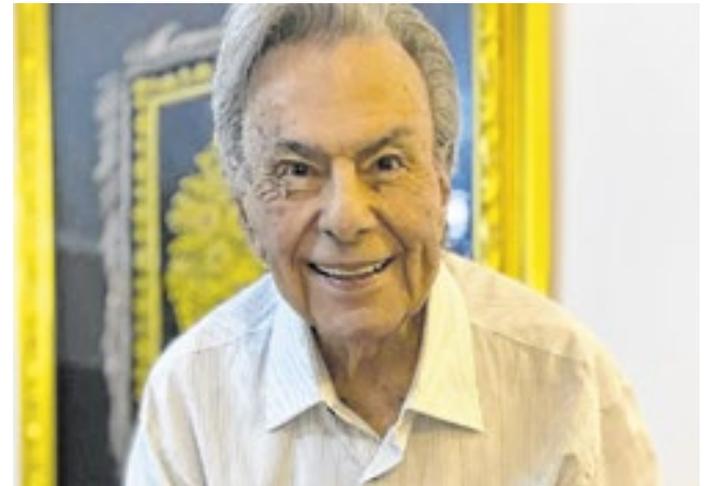
época. Em tom de folhetim histórico, a trama é baseada em fatos reais. Sua trama reconstitui o romance entre o Rei Luís XV (1710-1774), papel de Depp, e uma cortesã, Marie-Jeanne Bécu (1743-1793), conhecida como Madame Du Barry, vivida pela própria Maïwenn.

Uma aposta certa de sucesso popular dessa seleção dos Boudier é a comédia dramática “A Fanfarra” (“En Fanfarre”), de Emmanuel

Courcol, laureada com o prêmio de júri popular em San Sebastián. Seu roteiro acompanha a luta pela vida do maestro Thibaut (Benjamin Lavernhe), que em meio à luta contra uma doença terminal descobre ter um irmão (Pierre Lottin), também apaixonado por música.

Um dos mais atuantes críticos franceses da atualidade, responsável pelos novos olhares da imprensa francófona sobre a produção audiovisual asiática, Jean-Michel Frodon vai ministrar um colóquio sobre a força feminina nas telas de sua pátria numa palestra na Aliança Francesa, no dia 7, em duo com a atriz e cineasta Gabriela Carneiro da Cunha (premiada no Festival do Rio por “A Queda do Céu”). Uma das diretoras que devem flunar pela fala da dupla é Julie Navarro, que exhibirá no pacotão trazido por Emmanuelle e Christian o ótimo “Quelques Jours Pas Plus” (“Apenas Alguns Dias”), com Camille Cottin e Benjamin Biolay. Na trama, Arthur Berthier, um crítico de rock relegado às reportagens gerais após destruir um quarto de hotel, é ferido por um policial enquanto cobre a desocupação de um campo de migrantes. Nessa ocasião, ele se apaixona por Mathilde, a líder da associação Solidariedade Exilados. Querendo ajudar e agradá-la, ele concorda em abrigar Daoud, um jovem afegão, pensando que será por apenas alguns dias. A sorte desse trio vai mudar por completo, ilustrando a virada sociológica que marca o atual discurso da França nas telonas, com toda a sua pluralidade.

Acervo pessoal



**Agnaldo estava consciente ao ser levado ao hospital**

## Agnaldo Rayol morre, aos 86, após acidente doméstico

Morreu nesta segunda-feira (4) o cantor e ator Agnaldo Rayol, aos 86 anos. Ele sofreu uma queda em casa. Rayol morava em Santana, na Zona Norte de São Paulo. O cantor estava acompanhado de um cuidador da família. Uma ambulância foi acionada, mas demorou a chegar. A assessoria de imprensa do artista informou à CNN que

ele estava lúcido quando o SAMU foi acionado. Rayol foi levado ao Hospital HSanp, também no bairro de Santana, com um corte na cabeça. Conhecido por sua voz marcante e pelo repertório romântico, Agnaldo começou a cantar profissionalmente aos 5 anos de idade, participando de programas de rádio.

### Aula-palestra

“Onde mora o racismo?” é o tema da aula-palestra com a professora e doutora Ynaê Lopes dos Santos no Teatro Rival Petrobras, nesta terça-feira (5), às 19h30, com entrada gratuita. Ynaê é doutora em História pela USP e professora da UFF.

### Alçapão

Chris Martin, vocalista do Coldplay, assustou os fãs ao cair em um alçapão do palco da banda durante show em Melbourne, na Austrália, neste domingo (3). Martin andava de costas no palco e subitamente foi “engolido” pelo alçapão.

### Aula-palestra II

Ynaê pesquisa a História da Escravidão e das Relações Raciais nas Américas, é articulista do portal da Deutsch Welle (Alemanha) e autora de diversos artigos e livros, como “Racismo Brasileiro: Uma história da formação do país” (Ed. Todavia).

### Alçapão II

Martin não se machucou e brincou com a situação: “Isso não foi planejado e vai acabar no YouTube”. Mês passado quem caiu num alçapão de palco foi Olivia Rodrigo. Coincidentemente, o incidente com a cantora também ocorreu em Melbourne.

Divulgação



Quincy Jones e Michael Jackson: o produtor foi o responsável por novos rumos na carreira do cantor

# Quincy Jones, lenda da música, morre aos 91

Músico, arranjador, maestro e produtor trabalhou com artistas de vários estilos e é lembrado por sua emblemática parceria com Michael Jackson em três álbuns fundamentais do Rei do Pop

**P**ara ele, a música não tinha fronteiras e por isso mesmo tornou-se uma lenda na música americana. O músico, arranjador e produtor Quincy Jones morreu neste domingo (3) aos 91 anos. Ele é reconhecido por trabalhos que vão de Count Basie a Frank Sinatra e pela reformulação da música pop ao colaborar com Michael Jackson.

Ele ajudou a moldar o som de diversas gerações de músicos e produtores. Sua capacidade de mesclar diferentes gêneros musicais, do jazz ao hip hop, e de criar arranjos complexos e inovadores o tornou um verdadeiro mestre da produção musical. Ele foi um dos primeiros a utilizar novas tecnologias na produção musical, como sintetizadores e samplers.

O produtor recebeu 79 indicações ao Grammy (sendo premiado 27 vezes), ganhou um Oscar honorário este ano por “seu gênio artístico” e foi ainda o primeiro compositor negro a assumir um alto cargo de uma grande gravadora, ao assumir a vice-residência da Mercury.

O assessor de Jones, Arnold Robinson, informou que ele morreu em sua casa, na região de Bel Air, em Los Angeles, ao lado da família. A causa não foi informada.

“Esta noite, com corações cheios, mas partidos, devemos compartilhar a notícia do falecimento de nosso pai e irmão Quincy Jones”, disse a família em um comunicado. “E embora esta seja uma perda incrível para nossa família, celebramos a grande vida que ele viveu e sabemos que nunca haverá outro como ele.”

Nascido em Chicago em 1933, Jones demonstrou um talento musical desde cedo. Aos 10 anos, mudou-se para Bremerton, Washington, onde fez amizade com Ray Charles, que o ensinou braille. Essa amizade marcaria o início de uma longa jornada na música. Depois integrou as célebres big bands de Lionel Hampton e de Dizzy Gillespie.

Logo se destacou como arranjador, trabalhando com artistas como Frank Sinatra, Ella Fitzgerald, Count Basie, Duke Ellington, Sarah Vaughn, Aretha Franklin, Gene Krupa e Miles Davis.

A partir dos anos 1960, Jones se consolidou como um dos produtores musicais mais importantes do mundo, trabalhando com artistas de diversos gêneros, do jazz ao pop.

Sua parceria com Michael Jackson foi um dos pontos altos de sua carreira. Juntos, eles criaram alguns dos álbuns mais vendidos da história, como “Off the Wall”, vendeu 40 milhões de cópias, se tornando um dos mais aclamados discos de música negra do século XX. O trabalho seguinte, “Thriller” (1982), alcançou um sucesso sem precedentes, vendendo 100 milhões de cópias e tornou-se o

álbum mais vendido de todos os tempos. os dois ainda trabalhariam juntos em “Bad”, que vendeu 30 milhões de cópias mundialmente, e se firmou durante algum tempo como o segundo álbum mais vendido da história.

## ‘We Are The World’

Jones ainda se tornaria célebre por uma grande façanha: reunir os maiores artistas americanos em um estúdio para gravar a lendária canção “We Are The World” para angariar fundos para as vítimas da fome na Etiópia. Quando as pessoas se espantaram com sua habilidade para fazer com que todos trabalhassem unidos, Jones explicou que ele apenas deixou uma placa na porta dizendo: “Deixe seu ego na porta”.

Convém lembrar também que Quincy Jones possui uma vasta discografia como artista. Gravou cerca de 40 álbuns, entre trabalhos de estúdio e apresentações ao vivo. Destacam-se nessa lista trabalhos como “The Birth of a Band!” (1959), um de seus primeiros trabalhos em que apresentava um jazz vibrante; “Back on the Block” (1989) foi um de seus maiores sucessos comerciais, tendo participações de Michael Jackson, Ray Charles e Miles Davis; e “Q’s Jook Joint” (1995), um projeto mais pessoal, com um som mais soul e blues, explorando suas primeiras influências musicais.

Jones também compôs trilhas sonoras para filmes como “O Feiticeiro” e séries de TV como “Um Maluco no Pedacão”.

Além de sua carreira musical, Jones foi um ativista social, usando sua influência para promover causas como a igualdade racial. Por muitos anos trabalhou ao lado de Bono, do U2, em trabalhos filantrópicos. Fundou a Quincy Jones Listen Up Foundation, uma fundação que dá aos jovens acesso à tecnologia, educação, cultura e música. Um dos programas da organização é um intercâmbio intercultural entre os jovens carentes de Los Angeles e da África do Sul.

Grande pesquisador, incentivador e observador de todas as manifestações musicais de qualidade, Jones revelou-se um grande admirador da música brasileira. Entre os artistas favoritos, figuram Simone, a qual ele citava como “uma das maiores cantoras do mundo”, Milton Nascimento, Gilson Peranzetta, Ivan Lins e nomes da bossa nova. Chegou a desfilar na Portela em 2006, no alto de um carro alegórico, em defesa do enredo “Brasil, marca a tua cara e mostra para o mundo”.

Em fevereiro de 2018, o artista pediu desculpas após entrevistas polêmicas em que acusou Michael Jackson de roubar canções e disse que os Beatles eram os piores músicos do mundo.

# A espada selvagem da Mythos

Empório da editora na Rua Augusta, em SP, mobiliza público leitor com ‘Conan Rei’, álbum encadernado com quadrinhos trazidos da americana Dark Horse

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**H**oje um nonagenário, aos 92 anos, Conan encontrou um trono para chamar de seu em São Paulo, num lugar tão agitado quanto a Aquilônia que ele tentou conquistar nas HQs: a Rua Augusta, ali pelo número 1371. Lá funciona a Galeria Ouro Velho, que hospeda um oásis para quem gosta de quadrinhos: a Mundo Mythos. Se o seu barato são tramas com balões, guarde um troco, encare um busão da 1001 ou da Itapemirim até Essepê e vai de metrô até a estação Consolação para conhecer o templo pop organizado com base no acervo precioso da Mythos Editora. Qualquer dedo de prosa com seu atendente, o vendedor, livreiro, nerd e sábio Higor Lopes, torna-se um curso sobre as artes gráficas e uma certeza de boas indicações numa loja com um display do tamanho de gente grande do caubói Tex em sua entrada. Especializado nas revistas da Sergio Bonelli Editore, de Milão, de onde vem o corajoso ranger de camisa



Divulgação

**Nos EUA, a Dark Horse deu uma nova abordagem, mais livre, para o anti-herói de Robert E. Howard**

Rodrigo Fonseca



**O livreiro Higor Lopes com a HQ do bárbaro em sua fase monarca na loja Mundo Mythos, oásis de quadrinhos de luxo em SP**

amarela, o empório quadrinístico da Augusta hoje tem no bárbaro imortalizado por Arnold Schwarzenegger um de seus maiores chamarizes comerciais. O trabalho de artistas como Timothy Truman, Josh Dysart e Akira Yoshida vale o investimento na pataca chamada “Rei Conan Omnibus – Deuses e Demônios”.

Esta coleção importada da editora Dark Horse, nos EUA, reúne icônicas aventuras do guerreiro nascido nos frios desfiladeiros da Ciméria como senhor do já citado reino de Aquilônia. Consta do álbum brasileiro “A Cidadela Escarlata”, trama na qual Conan enfrenta um feiticeiro tirano. Suas páginas trazem ainda “A Fênix na Espada”, a primeira história do rei defendendo sua coroa. Compõem ainda o succulento miolo oferecido pela Mythos “Conan e o Deus da Meia-noite”, com toques sobrenaturais, e “Conan e os Demônios de Khitai”, marcada por uma viagem ao Oriente da Era Hiboriana, a época na qual se passam as peripécias do personagem criado em 1932, nas páginas do pulp “Weird Tales”, por Robert E. Howard (1906-1936).

“Hoje, Conan está no top five da Mythos, entre Tex, Ken Parker, Hellboy e Juiz Dredd”, explica Higor, sugerindo ainda edições especiais como “Desforras e Desfechos” e “Selvageria e Sofrimento”. “O nosso Conan, em específico, é o da Dark Horse (não o material da Marvel ou da Titan). A Mythos, por muito tempo, publicou Conan espaçado, em pedaços. O personagem já foi para o formato Single Edition, que são aquelas edições de lombada canoa. Já teve também TPzinho, que são as edições em capa dura com arcos fechados. Só que agora, nessa linha, a editora trouxe o Conan definitivo da Dark Horse. É um Conan numa fase de transição, reescrito, reconstruído como um bárbaro mais contemporâneo dos quadrinhos, com um universo próprio”.

Em 2022, quando o anti-herói de E. Howard noventou, leilões de bibliófilos disputavam a tapas um exemplar raro da revista “Weird Tales”, do Natal de 1932, onde ele fez sua primeira aparição, no conto “The Phoenix on the Sword”. Foram oferecidos lances de até US\$ 3,7 mil por esse almanaque. Recentemente, o game “Exiles: Age of Heroes” deu um novo gás para o espadachim hiboriano. Falou-se ainda no regresso do longa-metragem de 1982, com direção de John Milius e roteiro de Oliver Stone, protagonizado por Schwarzenegger ao circuito nos EUA e na Cinemateca Francesa. Paralelamente, especulou-se a chance de Arnoldão levar para a Netflix uma série baseada nessa safra da Dark Horse de Conan como monarca. Essas hipóteses não saíram do papel, mas para o público da Mundo Mythos a grife capa & espada segue a vender bem.

“A Mythos lançou encadernados, do 1 ao 8, com todo o material do Conan como bárbaro na Dark Horse. Agora, a gente vem com a cereja do bolo, que é o ‘Rei Conan’, que é o final da corrida dele pelo trono. Não é só ter a coroa, é saber mantê-la”, diz Higor. “Você começa com histórias do Conan como um rei mais novo, com 40/50 anos, depois você vai pegando histórias dele um pouco mais velho e dos desafios de se manter no poder. Ele não é um alguém com sangue real, não é um nobre, ele é um bárbaro, então é mais difícil ainda manter o comando sem perder a postura. Cada história traz uma surpresa”.

O site [www.lojamythos.com.br/](http://www.lojamythos.com.br/) é uma boa forma de acompanhar as joias vendidas por Higor e de encomendar títulos online.

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.